

**24/06/1985**

**Fazendeiros que fugiram da cana-de-açúcar estão bem**

"Canavial é igual a defunto. Se passar da hora, perde". A frase, dita com bom humor por um dos maiores fazendeiros do Norte fluminense, Fernando Miguel Soares, 57, expressa sua aversão pela monocultura da cana-de-açúcar. "Uma lástima", completa, referindo-se à situação de dependência do fornecedor da cana para com os usineiros. No seu entender, não há perspectiva concreta de se diversificar, a curto prazo, a produção agrícola da região: "A cana empobreceu a terra e reduziu a produtividade. Investir em irrigação e adubos não compensa, porque os fazendeiros teriam de empenhar a terra para comprar equipamentos e adubos. No final, o lucro não cobriria os gastos".

Fernando Soares é o maior acionista individual do Bradesco no Norte fluminense. No ano passado, fechou as portas de sua empresa de construção civil porque a preocupação com a crise "não compensava os Cr\$ 50 milhões a mais no final do mês". Decidiu cuidar exclusivamente dos mil alqueires de terra, onde cria 2.200 cabeças de gado e colhe duas mil sacas de café por ano.

**"Não gosto desse dinheiro"**

Andando na rua, porém, o fazendeiro poderia ter confundido com um de seus colonos: óculos de sol e dente de ouro substituindo o canino esquerdo. Mas é um dos mais assediados clientes dos operadores do "open market": o gerente do banco cede-lhe a cadeira, confirmando que apesar da calça jeans surrada, é um cliente "VIP". "Ganho muito dinheiro no mercado financeiro, mas não é desse dinheiro que eu gosto. Bom mesmo é desbravar a terra, comprar a novilha, vê-la crescer, parir e vender o bezerro. Este sim, é um dinheiro gostoso, porque eu fiz alguma coisa para ganhá-lo". Investir, só as sobras: "Não deixo de comprar uma vaca para botar dinheiro em renda fixa. O que eu ganho no overnight a inflação come", completa o fazendeiro.

Acompanhando à distância a greve dos canavieiros, Fernando Soares conclui que o bóia-fria e um desamparado, perto dos colonos que ainda plantam café em regime de meia (partilha do lucro com o proprietário, como forma de pagamento pelo trabalho) nos municípios situados a Noroeste do Estado. "Sempre fugi da cana. Conscientemente, nunca compraria um canavial, sabendo que na hora certa a cana tem de ser entregue. Senão perde, feito defunto".

**(Primeiro Caderno — Página 15)**